

# METÁFORAS E/OU REPRESENTAÇÕES: INQUIETAÇÕES, PRONOMES E IDENTIDADES

METÁFORAS Y/O REPRESENTACIONES: INQUIETACIONES, PRONOMBRES E  
IDENTIDADES

METAPHOR AND/OR REPRESENTATIONS: CONCERNS AND IDENTITIES

Iasmin E. Rodrigues\*

Universidade de Brasília

**RESUMO:** Em termos de política, nas várias de suas possibilidades, um dos pontos de dissonância vigente é sobre a expressividade linguística de pessoas que não se identificam dentro do binarismo de gênero hegemônico: as identidades não-binárias. Há avanços significativos em como as pessoas não-binárias têm existido: provocando sua inserção no imaginário social, na concretude do tecido cultural e nas normas legais vigentes, apesar das resistências apresentadas nessas esferas quando contestam para além do contra-hegemônico do ser-trans “tradicional” que evocaria, em tese, uma forma binária de existir. O ser não-binário é polêmico na própria definição do ser, apresentando-se essencialmente na partícula negativa: não mostra o que é, mas apresenta o que não é – embora existam definições que operam não através da negação, como definições tipo “gênero-fluido”, “gender-queer”, “intergênero”. Muitas vezes, de forma racionalizada e estratégica, ou não, são utilizados os rastros da polêmica deixada pela discussão linguística, política, educacional, institucional, epistemológica ou quaisquer outras formas para discutir sobre a viabilidade de uma identidade formada de uma maneira não-tradicional e como se insere no organograma social – ou que discute a existência dessas formas não-binarizadas de gênero na sociedade desde sempre, seja a sociedade consciente ou não dessas expressões. Este texto completo, em tom-quase-ensaístico, é exatamente uma maneira de usar a polêmica linguística que diversas publicações buscam somar e discutir, aumentando o rastro de polêmicas, pensando mais um pouco sobre o que é uma identidade não-binária e como linguagens podem expandir a sua existência ou reduzi-la de maneira quase mortífera na essência que tem.

**PALAVRAS-CHAVE:** Metáforas. Linguística Cognitiva. Identidades. Representações. Sociologia Crítica.

**RESUMEN:** En términos de política, uno de los puntos de disonancia vigente es la expresividad lingüística de personas que no se identifican dentro del binarismo de género hegemónico: las identidades no-binarias. Hay avances significativos en cómo las personas no-binarias han existido: provocando su inserción en el imaginario social, en el tejido cultural y en las normas legales vigentes, a pesar de las resistencias en estas esferas cuando cuestionan más allá de lo contra-hegemónico del ser-trans “tradicional” que evocaría, en teoría, una forma binaria de existir. El ser no-binario es polémico en la propia definición del ser, presentándose en la partícula negativa: no muestra lo que es, pero presenta lo que no es – aunque existan definiciones que operan no a través de la negación, como “gênero fluido”, “gender-queer”, “intergênero”. Muchas veces, de forma racionalizada y estratégica, se utilizan los

---

\* Possoo graduação em Licenciatura Letras Português/Inglês pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Caruaru (2012), mestrado e doutorado em Linguística pela Universidade de Brasília (2016 e 2021). Tenho experiência na área de Linguística, com ênfase em Estudos Críticos do Discurso, atuando principalmente nos seguintes temas: análise de discurso crítica, gênero, linguística aplicada crítica, decolonialidade e pedagogia crítica. Este é o primeiro artigo que assino após a minha retificação de nome para Iasmin E. Rodrigues e de gênero para não-binário – tendo, agora, um X no campo que define “sexo” em minha Carteira de Identidade. E-mail: ias.santosrodrigues@gmail.com.

rastros de la polémica dejada por la discusión lingüística, política, educacional, institucional, epistemológica o cualesquiera otras formas para discutir la viabilidad de una identidad formada de una manera no tradicional y cómo se inserta en el organigrama social – o que discute la existencia de estas formas no binarizadas de género en la sociedad desde siempre, sea la sociedad consciente o no de estas expresiones. Este texto, en tono casi ensayístico, es una manera de usar la polémica lingüística que diversas publicaciones buscan sumar y discutir, aumentando el rastro de polémicas, reflexionando más sobre lo que es una identidad no-binaria y cómo los lenguajes pueden expandir su existencia o reducirla de manera casi mortífera en la esencia que tiene.

PALABRAS CLAVE: Metáforas. Lingüística Cognitiva. Identidades. Representaciones. Sociología Crítica.

**ABSTRACT:** In terms of politics, one of the current points of dissonance is the linguistic expressiveness of people who do not identify within the hegemonic gender binary: non-binary identities. There have been significant advances in how non-binary people have existed: provoking their insertion into the social imagination, the cultural landscape, and current legal norms, despite the resistances in these spheres when they challenge beyond the counter-hegemonic notion of the “traditional” trans being that would theoretically evoke a binary way of existing. Being non-binary is controversial in the very definition of being, essentially presenting in the negative particle: it does not show what it is but presents what it is not – although there are definitions that do not operate through negation, such as “gender-fluid,” “gender-queer,” “intergender.” Often, in a rationalized and strategic way, the traces of controversy left by linguistic, political, educational, institutional, epistemological, or other forms of discussion are used to debate the viability of an identity formed in a non-traditional way and how it fits into the social framework – or discusses the existence of these non-binarized forms of gender in society from always, whether society is aware of these expressions or not. This entire text, in an almost-essayistic tone, is precisely a way of using linguistic controversy that various publications seek to add to and discuss, increasing the trail of controversies, reflecting more on what a non-binary identity is and how languages can expand its existence or reduce it in a nearly deadly way in its essence.

**KEYWORDS:** Metaphors. Cognitive Linguistics. Identities. Representations. Critical Sociology.

## 1 INTRODUÇÃO

Antes de mais nada, é importante falar da própria metodologia e linguagem que é utilizada neste texto que ora inicia.

Esta será uma escrita com construções e apresentação de conteúdo potencialmente de “tom [mais] criativo, com traços claros e propositais de hibridismos de gênero [...] numa relação de forma e conteúdo que objetiva ser mais significativa” (Rodrigues, 2016, p. 18). É um texto que se propõe dialogar em termos de leitura teórica do seu objeto: pretendo-me num pensar decolonial, então algumas formas de escrita também as faço com pretensões decoloniais. Compreendo, sobretudo, que a academia pode ser um lugar de (des)aprendizagens de si, numa perspectiva crítica, e (re)construções que levem as pessoas a uma real construção holística do seu próprio ser. E, dessa maneira, enquanto temos um texto que trata de identidades enquanto metáforas de si, também se permite brincar com algumas sinapses possíveis.

Aliás, alongando ainda mais um pouco, entendo que o que precisamos é de uma academia sempre renovada para ser de fato “academia de cura”, e pensar isto é algo muitíssimo bellhookiano (hooks, 2013). Meu desejo de fazer ciência desse outro modo, talvez de um jeito intelectual mais amoroso, diria Freire (2009), menos rígido, é por ter a convicção de que não podemos ter resultados diferentes fazendo as coisas de sempre; não podemos construir uma academia que liberte se continuamos reproduzindo práticas de constrangimento intelectual e identitário no seio da própria academia. Busco fazer de uma produção acadêmica a própria reinvenção de mim e caminhos para reinvenções de quem lê o que eu escrevi. Por assim dizer, uma realidade escreviente, tomando o que é escrevivência através de Conceição Evaristo (Duarte; Córtes; Pereira, 2016). Busco a produção de textos que sejam capazes de fazer com que pessoas se identifiquem de uma maneira muito profunda e pessoal e, na própria leitura do texto, sintam epifanias e se inebriem com a liberdade que evoca, cria, usa e abusa – apesar das complexidades que os textos tratam e que algumas vezes escorregam num academicismo por si só.

E destaco o óbvio: as dinâmicas de ideias apresentadas neste texto são por demais minhas próprias, retratando a forma como eu me enxergo no mundo, não como as pessoas todas devam se enxergar ou, muito menos, como sendo uma espécie de manual de como as pessoas deveriam fazê-lo: entender este escrito de uma maneira parecida com isso é subverter as ideias principais de libertarismo

que ele, por si só, carrega. Em suma, é um entendimento de estar no mundo, uma fenomenologia, um estado existencial, uma Gestalt (no sentido de Gestalt que apresento na sequência) muito própria que, sem dúvida, é partilhado por outras pessoas e serve como provocação. E talvez seja esse o melhor definidor para as ideias que eu apresento aqui: provocar! Provocar a minha própria cognição e existência ao pensar em mim e em dimensões identitárias que também me atravessam; provocar uma discussão dentro de uma dinâmica social e, a partir dela, apresentar dúvidas e coisas afins, como já também disse aqui.

Indo agora para a ideia que quero desenvolver inicialmente, neste texto que compreendo como tendo um tom ensaístico, quanto aos seus desenvolvimentos acadêmico-teóricos, começo falando de uma perspectiva advinda da linguística cognitiva. Ou da psicologia em si... Trago, assim, o conceito de Gestalt, contrastando-o com o que pensa o estruturalismo:

[...] os estruturalistas acreditavam que percepções complexas poderiam ser entendidas identificando as sensações primitivas que elas causavam - como os pontos que formam um quadrado ou notas específicas em uma melodia. Por outro lado, a Gestalt sugere o caminho oposto. Argumenta que o todo é compreendido mesmo antes de o cérebro perceber as partes individuais - como quando, ao olhar para uma fotografia, vemos a imagem de um rosto em vez de um nariz, dois olhos e a forma de um queixo. (Bustamante, 2023) .

E trago também, então, um tópico em Gramática Cognitiva:

Na Gramática Cognitiva de Langacker (1987, 1991, 2008), por exemplo, os significados linguísticos são resultado tanto do conteúdo conceptual evocado, como da perspectiva conceptual imposta a esse conteúdo. Isto é, os conteúdos expressos linguisticamente trazem sempre uma dimensão de perspectiva, expressam um determinado ponto de vista sobre a 'cena' sendo descrita. (Tenuta de Azevedo; Lepesqueur, 2011).

São por essas questões, entre outras, que eu evoco um conteúdo que brota da própria forma com que o texto está escrito, através de seus estilos e de suas escolhas de apresentação. Assumir meu texto como uma Gestalt é indicar que você que me lê se beneficia de observar o texto como um todo para, só então, ir às partes dele, uma vez que, repito, a própria forma pode dar pistas para um entendimento do conteúdo que ele apresenta. É por isso, também, que, como disse imediato anteriormente, assumo que este texto tem um tom profundamente ensaístico, talvez até poético, como poderiam definir algumas pessoas, ou hermético, como diriam outras, ao invés de apresentações e falas muito longas sobre o tema: este é um texto que propõe um pensar-junto, ao invés de um dizer-o-que-é – talvez trazendo exatamente mais ideias e dúvidas e questionamentos do que encaminhamentos de pensar, e é aí que reside seu tom ensaístico. Também é usando a dimensão do que é Gestalt, para além dessas trilhas possíveis de como ler este mesmo texto, também é Gestalt a teoria central do que se apresentam nas teorias da linguística cognitiva que levo em conta.

E, bom, inicio então a próxima seção já definindo conceitos e apresentando ideias sobre gênero, sobre linguagem, cognição, prototipicidade e porque gênero pode ser considerado uma forma metafórica de expressão da prototipicidade humana – e passível, obviamente, de modificações, não sendo de forma alguma algo essencialista, por assim dizer, mas sempre inserido em jogos de linguagem específicos à sociedade e ao tempo em que se manifestam.

## 2 UM QUEBRA-CABEÇAS DE DISCUSSÕES TEÓRICAS

Para apresentação do que é metáfora, utilizo principalmente o arcabouço de Lakoff e Johnson (2002) para compreensão deste conceito:

[...] o sistema conceitual dos seres humanos, que cuida não só da linguagem como também dos pensamentos e ações das pessoas, é naturalmente metafórico. Esse sistema conceitual estrutura a percepção e interação dos indivíduos com o mundo e com outros indivíduos – e dificilmente alguém se dá conta desse uso tão intenso. O uso de metáforas permeia o cotidiano das pessoas, não apenas no que concerne ao uso da língua, mas principalmente os pensamentos e ações. (Sallorenzo, 2018, p. 37).

Os pontos abaixo, de 1 a 3, são as peças do quebra-cabeça da ideia que, na subseção 2.4, montarei/demonstrarei.

## 2.1 PONTO 1 – METÁFORAS, REPRESENTAÇÕES E CONCEITOS; PROCESSAMENTO COGNITIVO

De fato, “baseando-nos, principalmente, na evidência linguística, constatamos **que a maior parte de nosso sistema conceitual ordinário é de natureza metafórica**” (Lakoff; Johnson, 2002, p. 46, grifo meu). Ainda, autores como Fairclough (2001) afirmam em mesmo sentido que

[...] as metáforas penetram em todos os tipos de linguagem e em todos os tipos de discurso, mesmo nos casos menos promissores, como o discurso científico e técnico. Além disso, as metáforas não são apenas adornos estilísticos superficiais do discurso. Quando nos significamos coisas por meio de uma metáfora e não de outra, estamos construindo nossa realidade de uma maneira e não de outra. As metáforas estruturam o modo como pensamos e o modo como agimos, e nossos sistemas de conhecimento e crença, de uma forma penetrante e fundamental. (Fairclough, 2001, p. 241).

Isso perpassa, obviamente, o texto-corpo, ou, em outras palavras, o corpo enquanto discurso e expressão de si nas mais diversas instâncias. Numa sociedade generificada como a que vivemos, isso grita fortemente nas dinâmicas sociais nas quais nos inserimos. Como ainda diz Fairclough (2001, p. 241), “[...] algumas metáforas são tão profundamente naturalizadas no interior de uma cultura particular que as pessoas não apenas deixam de percebê-las na maior parte do tempo, como consideram extremamente difícil escapar delas no seu discurso, pensamento ou ação”.

E quanto ao funcionamento do processo cognitivo, tomando por base a dinâmica da expressividade prototípica das coisas, com a Teoria dos Protótipos, **na qual também se inclui o gênero**, temos que

[...] as coisas existem porque o modo como interagimos em determinados contextos fazem com que criemos os conceitos, sejam eles materiais ou abstratos. Assim, é muito mais plausível falarmos em construções de sentido do que categorizações definitivas das coisas. Eis, mais uma vez, o problema de buscarmos a “essência” das coisas para categorizá-las, ou ainda, um protótipo que represente o elemento categorizado. Sendo assim, corpo, mente, cultura, sociedade, historiografia são todos os elementos considerados para nossa formação cognitiva. Criamos sistemas conceituais (Lakoff & Johnson, 1982) que nos orientam. Assim, para a teoria, as categorias são melhor interpretadas quando pensamos o conceito sob “efeitos de prototipicidade”, que considera elementos socioculturais para tal categorização, ao invés de pensarmos em protótipos, visto os vários fatores que influenciam nossa cognição. (Santos, 2010, p. 10-11).

## 2.2 PONTO 2 – O CORPO ENQUANTO DISCURSO; OS DOMÍNIOS CONCEITUAIS ENQUANTO DINÂMICAS DISCURSIVAS

Trazendo ainda sobre o corpo enquanto texto e discurso, como trata autores tais quais Le Breton, “[...] o corpo não existe em estado natural, sempre está compreendido na trama social de sentidos, mesmo em suas manifestações aparentes de insurreição, quando provisoriamente uma ruptura se instala na transparência da relação física com o mundo do ator (dor, doença, comportamento não habitual, etc.)”. (LeBreton, 2007, p. 32).

Na mesma linha, apresento o pensamento de Dowbor (2008), que observa as dinâmicas corporais de um modo muito semelhante, quando aplicadas no processo educacional:

[...] quem fala de corpo fala de história de vida. Das marcas que cada um traz consigo. [...] Aqueles que trabalham com educação deveriam ter como desafio principal educar sua ação, seu corpo, na direção da vida. Educação deveria ser sempre vida e nunca morte. Mas para ser vida e não morte temos de acreditar que somos capazes de aprender, de criar, de amar, de sonhar, de desejar, como também de odiar e de se rebelar. Tudo isso tem a ver com a forma como o corpo de cada um foi marcado, com sua história de vida, que deve ser resgatada para poder ser entendida, transformada e enriquecida. (Dowbor, 2008, p. 47).

O ser existe porque existe um corpo para este ser. Esta é a primeira forma de contato com o mundo, concreta e material, e que vem muito antes de qualquer processamento puramente cognitivo (se é que existe algo “puramente” cognitivo...). É a partir deste concreto que o universo se forma ao redor das pessoas. Trazendo novamente as ideias sobre metáforas, com a Teoria da Metáfora Conceptual, e quanto a esta dinâmica corpo-discurso, temos então que

Kövecses (2010), após uma ampla pesquisa, descobriu que os domínios-fonte mais comuns no mapeamento metafórico são relacionados ao **CORPO HUMANO**, ANIMAIS, PLANTAS, COMIDAS e FORÇA, e os domínios-alvo mais comuns incluem categorias conceptuais como EMOÇÃO, **MORALIDADE**, PENSAMENTO, **RELAÇÕES HUMANAS** e TEMPO. Essa afirmação tem duas implicações. Uma delas é a motivação – em oposição à arbitrariedade – da metáfora conceptual. Segundo Evans & Green (2006, p. 298, tradução nossa), “conceitos-alvo tendem a ser mais abstratos, carentes de características físicas e por isso mais difíceis de entender e falar a respeito [...] domínios-fonte tendem a ser mais concretos e por isso mais imediatamente perceptíveis”. Kövecses assume, assim, que as metáforas conceptuais estão baseadas em experiências humanas corporificadas. (DeAbreu, 2011, p. 3, grifo meu).

Sobre o que se quer dizer com domínios-fonte e domínios-alvo: “[...] o domínio conceptual no qual encontramos as expressões metafóricas para entender outro domínio conceptual se chama **domínio-fonte**, enquanto o domínio conceptual que é entendido dessa maneira se chama **domínio-alvo**” (Kövecses, 2010, p. 4, grifos do autor).

O domínio-fonte se caracteriza por ser mais concreto e experiencial, já o domínio-alvo é de natureza abstrata. O primeiro é aquele em que construímos expressões metafóricas a partir das quais entendemos outro domínio conceptual; enquanto o segundo é aquele compreendido dessa forma. Ou seja, o domínio-alvo é aquele que tentamos entender por meio do uso do domínio-fonte. (Presotto, 2016, p. 384).

Mais à frente irei comentar como temos o corpo em si e suas classificações como sendo um domínio-fonte, ao mesmo tempo que o gênero pode ser compreendido como domínio-alvo.

### 2.3 PONTO 3 – JOGOS DE LINGUAGEM

Por sua vez, temos que jogos de linguagem podem ser compreendidos como sendo:

Quando o Brown Book fala de diferentes jogos de linguagem como “sistemas de comunicação” (Systeme menschlicher Verständigung), não se trata simplesmente de notações diferentes. Introduce-se, assim, uma noção de compreensão, e da relação entre compreensão em linguagem. Wittgenstein insiste no fato de a “compreensão” não ser uma coisa única; ela é de espécies tão diferentes quanto os próprios jogos de linguagem. Poderíamos daí concluir que, quando imaginamos diferentes jogos de linguagem, não estamos a imaginar partes ou partes possíveis de um sistema geral da linguagem (Wittgenstein, 1960, p. ix).

Efetivamente aqui percebemos que não há linguagem por si só, significados essencialistas por si só. O que existe é um constante e pleno e sempre estabelecido jogo de linguagem que trata daquela determinada situação social existente. Incluindo, aqui, as relações de gênero.

### 2.4 AMÁLGAMA DOS PONTOS

Agora unindo as informações que foram apresentadas anteriormente, quero apresentar que [Ponto 2] o corpo é a primazia que o ser humano tem em termos de primeiro contato com o mundo. E, ainda, que [Ponto 1] formulamos protótipos e classificações de acordo com o a forma que o mundo é observado, levando em conta, de maneira importante, que [Ponto 3] os jogos de linguagem, ou seja, as dinâmicas linguístico-cognitivo-sociais que temos, ancoradas dentro de um espaço-tempo, de uma sociedade, cultura e

um tempo, é que fazem com que tais classificações e protótipos se construam. Se isso vale para as questões como um todo, então existe também para as dinâmicas de gênero, e, dentro de uma dinâmica que o gênero, [Ponto 2] sendo um domínio-alvo, e não um domínio-fonte, brota de uma situação-experiência de cunho mais concreto, que seria o próprio corpo e o modo como ele se encerra no mundo, na sociedade em que se encontra: **o gênero é uma abstração metafórica.**

E não falo sobre metáforas que retratem representações de gênero, presentes em vários trabalhos, como o de Araújo (2004), que retrata metáforas zoomórficas referidas ao feminino. Meu postulado é que o gênero, em si, é uma metáfora. Retomando a Teoria da Metáfora Conceptual, e como já citei anteriormente, o corpo em si e suas classificações são entendidos como sendo um domínio-fonte, ao mesmo tempo que o gênero pode ser compreendido como domínio-alvo, um domínio-alvo sobre o domínio-fonte que é o próprio corpo. E se tomando a Teoria dos Protótipos, postulo que este domínio-alvo que é construído pelo gênero se torna uma dinâmica prototípica de entendimento do mundo. Desta maneira, o gênero passa a ter uma dinâmica classificatória na compreensão do mundo por parte das pessoas. Ressalte-se que tal dinâmica se envolve, necessariamente, em dinâmicas de jogos de linguagem, uma vez que estas são as dinâmicas que regem os processos de construção de sentido dentro das coisas que entendemos do mundo em que vivemos.

É interessante apresentar que algumas pessoas se entendem essencialmente com suas identidades operando dentro desta visão mais metafórica, dentro do guarda-chuva que pode ser colocado para abarcar as identidades não-binárias:

Xenogeneridade ou xenogênero é um termo abrangente que descreve alguém que sente que sua identidade de gênero não se encaixa em nenhuma das categorias tradicionais de masculino ou feminino, descrevendo um tipo de identidade de gênero não binária que não está incluída nos descritores típicos de gênero e cuja descrição está fora da compreensão humana comum do gênero. As pessoas que se identificam como xenogêneros são melhor descritas por meio de seu relacionamento com outros seres ou conceitos, coisas que geralmente não têm nada a ver com gênero. Os xenogêneros geralmente sentem que não se encaixam nas categorias de gênero típicas ou nos termos de gênero típicos que temos atualmente, e que a identidade de gênero pode até estar além da compreensão humana comum de gênero. Pessoas xenogênero podem ter gênero relacionado a plantas, alienígenas ou animais, por exemplo. Essas identidades são vistas externamente como incomuns na sociedade em geral, já que muitas delas são casualmente associadas a coisas não humanas ou extra-humanas, embora não necessariamente ligadas a *otherkin*. Algumas pessoas xenogênero podem escolher usar xeninidade como uma metáfora — que ajudam a expressar, identificar e entender melhor a própria identidade — por exemplo: um indivíduo agênero que compara sua identidade com uma praia deserta. (WikiDiversidades, 2024).

Às vezes essa dinâmica de apresentação de si é definida como “uma grande invenção” ou, como dito por usuários da rede social Reddit, que “acham meio complexo”, ou que é “o tipo de discussão que só existe na internet”, ou ainda que é necessário “um respaldo científico” para que um determinado gênero seja válido (Reddit, 2024). Lanço a provocação perguntando, então, qual gênero não seria inventado dentro de um jogo de linguagem, levando em conta as ideias apresentadas de Le Breton (2007) no Ponto 2, em uma citação parágrafos atrás, e, diante do que anteriormente discorri, qual gênero não estaria dentro de uma dinâmica cultural que o valide e, por fim, que as dinâmicas culturais são plásticas e mudam. Do mesmo modo que outras formações metafóricas, os gêneros também são formas de plasticidade da realidade e modificam-na. Ressalto que não há uma forma específica essencialista de se ver no gênero, porque há plasticidade em toda uma construção de mundo que temos em nosso existir por si só. Sobre esta questão, cabe também o que, na seção 3 deste texto, apresento a partir das citações de Bagagli (2023), em quando apresenta posicionamentos sobre as validades de representação identitárias levando em conta a interseccionalidade (Akotirene, 2019; Collins; Bilge, 2020) do gênero. Se pensarmos fora da prototipicidade hegemônica, então vamos olhar diversas outras possibilidades de ser e se representar no mundo. Se traçarmos, dentro de uma dinâmica de protótipos hegemônicos de gênero, estaremos forçando inúmeras formas e maneiras de expressão de gênero dentro de uma binaridade hegemônica. Este texto propõe justamente que olhemos “mais de longe”, para o todo ou, noutra perspectiva, “mais de perto”, para as práticas específicas de masculinidade e feminilidade para, dessa maneira, conseguirmos entender como as dinâmicas particulares de gênero se dão e como são individualizadas. Trazendo de novo a ideia apresentada na primeira seção, este texto é um convite para se observar gênero enquanto estrutura gestáltica.

Abro parênteses para explanar sobre minha escolha pela forma “não-binaridade” ou “não-binárias”, citada anteriormente, em

detrimento de “não binaridade” e afins. Se é preciso ou não que se tenha um hífen, a discussão não é trivial, como demonstra este trecho sobre decisões acerca da não-binaridade em Portugal:

Esta questão não tem uma resposta fácil ou concisa, e é ao consultar diversos dicionários em linha que notamos logo essa falta de consistência. Por exemplo, os dicionários da Academia das Ciências de Lisboa e Priberam indicam a forma não-binário (com o verbete não-binariedade no segundo dicionário), utilizando hifenes. Por outro lado, a Infopédia valida ambas as formas - não binariedade e não-binariedade -, assinalando que a grafia hifenizada está em conformidade com o Acordo Ortográfico de 1945 (AO) que em Portugal vigorou até 2015. Portanto, parece que este dicionário assume que o AO de 90 prevê a não hifenização de casos em que temos não como elemento prefixal. E, de facto, não se pode estar totalmente em desacordo. Acontece que as bases XV e XVI, que estipulam as novas regras para o uso do hífen no âmbito do Acordo Ortográfico de 1990, não incluem o caso do elemento não; daí poder assumir-se a omissão do hífen. É caso para se dizer que estaremos num dilema. Ainda assim, aquilo que não deve ocorrer é, sem desprimor, num mesmo texto, as duas grafias. O redator (ou o livro de estilo do jornal em causa) deve optar por uma e mantê-la ao longo do texto. (Mourato, 2024).

Opto por uma versão com o hífen por compreender que a criação da forma composta não-binaridade, profundissimamente agregado o “não” junto a “binaridade”, acarreta uma melhor compreensão das formas geradas. Apesar do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa e da Academia Brasileira de Letras dizer que se deve “excluir o emprego do hífen nos casos em que as palavras não e quase funcionam como prefixos: não agressão, não fumante, quase delito, quase irmão” (Bechara; Bosi; Portella, 2008), descompreendo que, no caso de não-binaridade, o não seja um prefixo: é um componente formativo, essencial, substantivado que, junto a binaridade, é inseparável na justaposição que formam para gerar o referente que observam: não-binário então, representa uma condição que é feita por si mesma, íntegra, e não “quebrada” por uma partícula negativa. Em suma, o “não” torna-se não um advérbio de negação, um prefixo, mas compreendo-o substantivado, explicitando um “não-lugar”. Desta maneira, não-binário apresenta a hifenização, apresentado duas partículas com valores de substantivação. Fica, então, na mesma forma que beija-flor, canário-da-terra, bicho-de-pé e outros. Esta é mais que uma discussão morfossintática: trata-se de uma discussão filosófica.

Fechando este parêntese e sendo apresentada esta amálgama dos pontos, passo agora a uma provocação possível advinda dessas discussões: o paradoxo entre o reconhecimento de identidades não-binárias como um todo, o que concede diversas condições de se permanecer vivo e com segurança jurídica, física, mental e emocional, ao mesmo tempo que pode ser uma grande arapuca que faz com que um guarda-chuva identitário que é extremamente amplo e aberto venha a se restringir, uma vez que se faz necessário pontos legais e marcos sociológicos para que algo ou alguém venha a ser validado socialmente, situando-o no organograma social vigente.

### 3 OUTROS PONTOS DE DISCUSSÃO

Efetivamente, estamos tratando aqui de estruturas sociais e identitárias que podemos chamar de queer/cuir. E se queremos entender o que é o cuir, é preciso antes de mais nada deixar vir à luz que

[...] nem o cuir nasceu na universidade, nem nunca entrará em suas salas de aula de forma pacífica (talvez não entrará de nenhuma outra forma: o cuir é a antítese da universidade, do universalizável, o que o universal deixa cair como dejetos, a cagada do sistema todo poderoso, seu resto em assimilável, ineducável, não escolarizável, indecente, indocente e indiscente é o cuir. (Córdoba; Sáez; Vidarte, 2007, p. 78).

O cuir, movimento verbal que é, acarreta uma movimentação de estrangeiridade, podendo ser a concretude do que, por exemplo, Camus (2011) apresenta na personagem Meursault, que é o estrangeiro, personagem-título da obra. Nela, o momento e causa-chave da condenação de Meursault à morte é a acusação que ele não chorou no funeral de sua própria mãe. Camus, no prefácio de uma das edições, diz:

[...] eu resumi *O Estrangeiro* há muito tempo, com uma observação que admito ser altamente paradoxal: "Em nossa sociedade, qualquer homem que não chore no funeral de sua mãe corre o risco de ser condenado à morte." Só quis dizer que o herói do meu livro é condenado porque não joga o jogo. (apud Carroll, 2007, p. 27)

De fato, Camus tinha uma preocupação com a dimensão do colonialismo francês frente à Argélia. *O Estrangeiro* é uma obra que fala sobre aqueles que não jogam o jogo, seja sobre um identitarismo nacional ou dissidente de gênero e/ou sexualidade. O cuir é sobre estar fora do jogo todo o tempo, é sobre ser um estrangeiro, alheio a uma estrutura heterocispatriarcal. É sobre, como falei anteriormente aqui, um contínuo não-ser, uma constante revisão de saberes e o questionamento imenso das estruturas de poder que constroem as dinâmicas de ser e de saber nas quais nos inserimos. Quanto à inserção do cuir em nossa sociedade, sobretudo na academia,

[...] a passagem do cuir pelas salas de aula é só um fenômeno tangencial, oportunista, contingente, talvez nascido da maior boa vontade, mas que sempre estará em contradição com a instituição, com qualquer instituição, porque não há instituições cuir, nem perto do cuir, nem muito cuir nem pouco cuir, nem mesmo há funcionários cuir, nem o cuir é algo com o qual se brinca. Quando ocorre, quando alguém brinca de ser cuir, sem dúvida lhe terá cravado em si as presas da teoria, que diz como é o cuir, definindo-o, convertendo-o em uma receita e elaborando suas pautas de fabricação, produção, encenação, tempo de cozimento e repetição: o cuir é uma brincadeira, uma forma de s(ab)er, um vício, um ramo de investigação, uma especialidade só para os que se podem dedicar a ele, a partir de uma situação socioeconômica e cultural que permite acessar o cuir a partir de um núcleo privilegiado, um núcleo, um centro que justamente constitui o outro absoluto do que é o cuir, a periferia, o excluído, ao que brincamos de ser, as pessoas sérias, os que temos tempo e a distância suficiente para brincar com eles, para experimentar ludicamente por uns instantes um sucesso melhor ou pior do que os outros não têm mais remédio que apenas ser, sem brincadeiras, ali na rua. Sim. Na rua, um lugar onde o cuir não é teoria. (Córdoba; Sáez; Vidarte, 2007, p. 78).

O ser não-binário é um estado profundamente cuir. Assim, não seria também a passagem pela sociedade como um todo, não apenas pelas salas de aula, apenas um tangenciamento? Digo... Não seria a não-binaridade, quando acolhida dentro de uma estrutura social, então carente de um processo de invenção de si, que é justamente o que caracteriza a possibilidade cuir, ou não-binária, ou inventiva de gênero, ou qualquer coisa do tipo?

Um dos pontos centrais deste meu texto-provocação, como já prenunciado, é sobre os limites que existem dentro dos processos identitários. Ou, ainda, até que ponto se é possível "concretizar" um gênero, ou seja, deixa-lo concreto, tangível, claramente observável, amplamente reconhecido, dando-lhe, para isso, nome e especificidade... Como fazer isso correndo um risco menor de, estabelecendo tais dinâmicas de reconhecimento de gênero, não afogar a disrupção de gênero em um processo higiênico e potencialmente limitante? Sim, e isso também se aplica à generalidade do masculino / feminino como um todo.

Algumas pessoas podem afirmar que eu posso estar sendo "terrorista de gênero", como se intitula Linn da Quebrada (Dias; Reinaldo, 2018; Quebrada, 2018). Ou talvez eu em uma linha de pensamento semelhante à do manifesto de anarquia de gênero:

[...] não existe um algoritmo definido que você precise seguir para ser considerado um exemplar perfeito do seu gênero. Que se dane a ideia da sociedade sobre como você deveria parecer. Seja aquele belo menino feminino que você quer ser, seja aquela pessoa masc com saia incrível que você quer ser, imagine todas as gloriosas variações de feminino e masculino [e para além delas] que você puder pensar e incorpore isso. Você não precisa explicar o seu gênero e a sua expressão de gênero para ninguém. A ideia de 'genderfuck' tem sido explorada por muitos na comunidade queer, tanto pessoas trans quanto cis. Mas a ideia de anarquia de gênero também pode ser estendida a qualquer pessoa que não seja queer. (Istha, 2015).

E sim, eu levo em conta também o modo contrário como teóricos como Butler veem as coisas:

[...] se decidíssemos ignorar as expectativas e limitações impostas pelos os amigos, colegas, etc., "vestindo um gênero" que por alguma razão fosse contrariar aquelas pessoas que têm autoridade sobre nós ou de cuja



aprovação dependemos, não poderíamos simplesmente reinventar nosso guardaroupa de gênero metafórico, tampouco adquirir um guarda-roupa inteiramente novo (e mesmo que pudéssemos fazer isso, obviamente estaríamos limitados pelo que estivesse disponível nas lojas). Em vez disso, teríamos de alterar as roupas que já temos para indicar que as estamos usando de um modo “convencional” – rasgando-as ou pregando-lhes lantejoulas ou vestindo-as viradas ou do avesso. Em outras palavras, a nossa escolha de gênero, tal como a nossa escolha do tipo de subversão, é restrita – o que pode significar que não estamos, de maneira alguma, “escolhendo” ou “subvertendo” nosso gênero. (Salih, 2012, p. 73).

No entanto, se, em outras palavras, pode-se entender quase como que não há gênero fora de uma concretude relativa, ou contingencial, assumo que uma formulação de gênero por demais concreta faz com que a inventividade genérica perca sua vitalidade e passe a ser engessada dentro de determinados aspectos hegemônicos. E, sim, é óbvio e claro que os avanços legais em relação à não-binaridade são essenciais e o reconhecimento social igualmente: ter outras dinâmicas de gênero nos panoramas sociais é algo essencial para uma sociedade mais harmônica e que reconheça as pessoas tais como elas são. Eu, enquanto pessoa não-binária, reconhecida documentalmente pelo Estado Brasileiro enquanto tal, beneficie-me de tais avanços também. No entanto, recuso qualquer ponto de engessamento de mim e de minha perspectiva genérica, **porque para que eu seja eu mesma, preciso, como todas as pessoas também, continuar sendo como eu sou e como nós somos, nos reinventando nas dinâmicas de gênero que assumimos para nós.** Ou, ainda, passar a ser ainda mais profundamente como elas são em si mesmas. **Uma dinâmica de gênero precisa e merece ser vivida de forma fluida e multifacetada, reinventada a partir das dinâmicas, nos jogos de linguagem que lhes são próprias, que originam as metáforas com as quais as pessoas se expressam no mundo. Caso contrário, não será dinâmica de gênero. Porque por si só não será dinâmica.**

E há, sim, polêmica grande em torno de todas essas representações de gênero. E a minha questão é que essas polêmicas existem porque uma dinâmica genérica fora de uma pretensa hegemonia binária, ou sei lá o que, é algo que não se encaixa no que temos enquanto sociedade. Cito algumas das polêmicas na sequência, que terminam criando quase como que arapucas para que as pessoas “prendam”, ou façam em seus gêneros um determinado engessamento que anula justamente a própria essência que seus gêneros têm, muito embora, um tanto paradoxalmente (condição que este texto não tem vergonha de se mostrar), assumo que, sim, é importantíssima uma outra maneira de apresentação linguística, numa mais profunda disrupção de linguagem que expresse justamente essa disrupção de gênero.

Tergiverso, aqui, que disrupção pode ser entendida, colocando outras palavras analogicamente, como rompimento, ou mesmo dissolução, aniquilação, subversão, arruinamento (Azevedo, 2010). Se tomarmos o que se tem de disrupção na dinâmica da Engenharia Elétrica, temos que pode ser caracterizada pela liberação de energia que foi acumulada no momento em que um sistema elétrico é restabelecido (Lopes, 2016; Souza Filho, 2018). Pode ser uma metáfora, uma analogia, sobre como há um acúmulo de significações de gênero represadas no arcabouço social e, então, de uma só vez, é liberado e se estabelece o fluxo plástico das apresentações e representações de gênero. Destaque-se que tantas vezes, quando nos processos da eletricidade, o fluxo energético restabelecido pode vir a causar faíscas. E faíscas, obviamente, podem causar barulho, trazem luz, incomodam e podem ser perigosas e levar fogo ao sistema.

Parece-me que o processo de disrupção de gênero pode ser efetivamente metaforizado junto e como o da eletricidade, uma vez que causa igualmente fogo no sistema linguístico, como já citei no parágrafo anterior, mas não só: também junto aos processos educacionais, legais, epistemológicos, políticos como um todo e afins. Ter outras apresentações de gênero, nesta disrupção, que, no *Dicionário Analógico de Azevedo* (2010), também diz ser fulminamento, reviravolta, esborralha, arrasadura, é algo que pode causar faíscas, fogo, destruição e plena reinvenção nos sistemas linguísticos, políticos, legais, epistemológicos e sociais como um todo que nos habituamos a ter. Ou aprendemos a lidar, de uma forma que seja adequada ao sistema elétrico, metáfora do que apresento, e passamos a compreendê-lo dentro de uma lógica de encaminhamento de energia mais prática, organizada e eficiente. E segura, que não cause acidentes. Enfim, volto no parágrafo seguinte à questão de linguagem e às outras polêmicas citadas.

As polêmicas, em si, surgem porque há uma crise a partir do algo novo que surge. E é algo essencialmente complexo porque, em linhas gerais, lidar com crises e com o novo é profundamente desafiador, até porque é incômodo – muito embora “[...] é preciso ter

o caos dentro de si para poder para poder dar à luz a uma estrela dançante” (Nietzsche, 1989, p. 16). Assim sendo, temos a polêmica linguística, que não aceita uma outra maneira que não a binária de apresentação de gênero em nossa sociedade (Costa; Guerra, 2023; Melo, 2021); uma polêmica legal e administrativa, que implica em ajustes no sistema administrativo do Estado Brasileiro para poder incluir o que são os mais diversos gêneros (Governo, 2024); uma polêmica legal em si mesma, como o simples uso de um banheiro por pessoas trans, dentro e fora de um aspecto de gênero binário de existir (Viapiana, 2023); também uma polêmica educacional profunda sobre o que se conhece como “ideologia de gênero” e seu ensino (Reis; Eggert, 2017; STF, 2020); uma polêmica epistemológica sobre a viabilidade ou não de uma identificação não-binária (Bagagli, 2023). E é desta última que, em críticas a posturas adotadas por Richard Miskolci (Barreto, 2021), Bagagli apresenta as contradições que algumas ideias dele têm. E, na sequência, faço um relativo longo recorte-citação de seu texto, com grifos meus:

Sua desconsideração ou menosprezo a respeito do termo identitário “não binário” é flagrante, ao dizer que “autoclassificação como não binário pode se revelar um modismo”. É  **muito curioso a sua suposição de que a não-binariedade só poderia eventualmente ser legítima (como um “não modismo”, “efetivar-se na vida cotidiana”, como algo verdadeiramente “sério”?) a partir de uma investigação acadêmica mais minuciosa.** Diante disto, cabe nos perguntarmos: **as identidades só se tornam legítimas a partir do gesto de investigação do pesquisador? Ou a legitimidade da identidade não emergiria do próprio movimento coletivo e orgânico de reivindicações políticas do grupo? É preciso um olhar pesquisador externo para supostamente validar uma identidade, supostamente “neutro”?**

[...]

Esta posição trans-antagonista se expressa na entrevista pela alegação de que a não-binariedade seria fundada sob uma “expectativa de deter o poder sob o gênero”. Ao dizer isto, Miskolci subentende uma crítica à não-binariedade, pois a ideia de que alguém possa “deter o poder sob o gênero” é facilmente criticável como algo ingênuo politicamente e epistemologicamente, seja do ponto de vista individual, político ou coletivo — o que ele efetivamente o faz, já que tece a oposição, logo a seguir, entre a não-binariedade e o fato de gênero ser “resultado de regimes regulatórios, em que gênero é sempre atribuído a nós pelos outros”; de forma a concluir, mesmo implicitamente, que “ninguém detém o poder sob o gênero”.

[...]

**O fato do gênero ser atribuído a nós pelos outros e enquanto uma força coerciva e externa da sociedade não justifica a desconfiança de que nossas identidades sejam algo pueril ou mesmo justificaria a deslegitimação das identidades trans, seja binária ou não binária. Da mesma forma, a heterossexualidade é atribuída a todos os sujeitos como a norma compulsória — o que não significa que todos os sujeitos são essencialmente heterossexuais.**

[...]

Usar a noção de cisgênero e cisnormatividade como crítica das normas de gênero não pressupõe uma “compreensão de gênero estática e mecânica”, como alega Miskolci, da mesma forma quando o próprio autor e demais pesquisadores do campo utilizam a noção de heteronormatividade e heterossexualidade em seus estudos acadêmicos para desnaturalizar a heterossexualidade. Isto é, usar o termo heterossexualidade como forma de criticar a heteronormatividade não supõe a divisão “estática e mecânica” entre heterossexuais e homossexuais. Por que Miskolci é incapaz de compreender o mesmo no caso de cisgênero/cisnormatividade? (Bagagli, 2023).

Bagagli, com postura como a que apresenta tais críticas às ideias proferidas por Miskolci, pode ser interpretada como corroborante com uma ideia de gênero enquanto proposta aberta, enquanto sistema aberto e de forma maneira nenhuma algo fechado, como pressuporia o pesquisador citado e outros tantos, como os da linguística, que se opõem às dinâmicas disruptivas de linguagem, dizendo-as serem um derretimento do sistema linguístico como um todo e inválidas justamente por isso, ou os pesquisadores das ciências sociais, que apresentam um profundo pânico moral (Costa; Guerra, 2023) a uma dinâmica de gênero que não a hegemônica e consolidada nos sistemas administrativos, legais, educacionais, epistemológicos e quaisquer outros dentro de nosso ordenamento consolidado presentemente.

Alguns poderão me dizer que, com essas polêmicas e posturas minhas, talvez eu esteja sendo “pós-moderna” demais, ou mesmo “pós-estruturalista” de uma forma nociva. Acolho as observações, mas prefiro-me pensar-me na liberdade de uma postura decolonial e inventiva, como as posturas que defendo desde antes de meus processos de reinvenção de mim mesma (Rodrigues,

2021; Rodrigues; Melo, 2018), desde antes de meus processos de transição, desde antes de me reconhecer dentro de uma dinâmica epistemo-identitária rizomática que tenho e sou (Deleuze; Guattari, 1995).

### 3 TÁ... E O QUE FAZER?

Minha atual compreensão vem de uma dinâmica significativamente wittgensteiniana, como já apresentei em alguns momentos texto afora. E isso se dá justamente porque

[...] as categorias seriam, então, pensadas muito mais a partir dos jogos de linguagem que exercemos, no momento em que relacionamos determinado elemento, do que pensarmos em uma categoria que determine de uma vez por todas o que “é” o elemento, como sugeria o pensamento clássico. O homem poderia ser incluído também na categoria bípede, daí faria parte também os cangurus e não mais os cachorros etc. As categorias são infundáveis e inumeráveis. Através do uso da linguagem é que determinamos sobre qual aspecto estamos tratando o elemento da categorização. Assim, essas categorias não são mais pensadas sob a análise de traços essenciais, mas sim, observadas através das semelhanças de família que podem trazer aproximação, como definiu Wittgenstein. (Santos, 2010, p. 4).

Desta forma, é entender gêneros como um “sendo”, não como um “dado”. Gênero está muito mais para a genealogia do que para uma arqueologia (Vandresen, 2010). Disputa de poder que é, o gênero é essencialmente um arranjo contingencial, tal qual, por exemplo, a democracia também o é (Rodrigues, 2021), muito mais do que qualquer coisa que seja em termos de solidez. É necessário ter concretudes, é óbvio, mas é imprescindível o cuidado para que não se engesse demais quaisquer definições sobre o gênero em si: a questão posta é sobre aceitar o processo de disputa, mas sabendo que a disputa não terá vencedor porque é uma disputa não com fins de vitória, mas com fins da própria disputa em si mesma, do movimento, da plasticidade permanente.

Para terminar, abro mais uma analogia entre jogos de linguagem e os espaços onde os jogos podem/precisam/devem ser jogados ou praticados. O fundamental é entender que as definições de gênero são definidas em jogos próprios de linguagem, e talvez as arenas nas quais nós estamos querendo jogá-los são arenas que não os comportam: nós apenas os adaptamos às arenas, mas é necessário nunca esquecer que eles não são feitos para jogar ali. É como um jogo de futebol que é jogado em uma quadra de basquete: é possível, porque há espaço e há adaptações possíveis. Mas nunca, nunca, nunca será confortável e adequado como em uma quadra ou campo de futebol em si. É necessário saber, ainda, que não é completamente necessário, também, destruir quadras ou campos inadequados a estes jogos, bem como não é preciso, também, modificar em definitivo as regras desses jogos para caber nos jogos que já são hegemonicamente apresentados.

Enfim, se a não-binaridade ou outras definições cuir de gênero não precisam jogar junto a arenas tradicionais de gênero, tradicionais de binarismo de gênero, talvez tenhamos a imagem do Estádio Mané Garrincha, por exemplo, que era clássico na paisagem de Brasília e, quando na Copa do Mundo de 2014, veio completamente ao chão para que fosse construído outro estádio, completamente novo (“Acordo de mercado”, 2017). No processo de destruição, inclusive, tivemos toda uma dimensão de gastos excessivos (Yamaguti, 2023) e energia desperdiçada. Em suma, não é sobre quebrar as arenas nas quais as dinâmicas de gênero são jogadas, nos seus próprios jogos de linguagem e culturais, para então se fazer algo completamente novo. Isso inclusive não será possível em plenitude, porque nunca existirá uma forma para acolher completamente tudo que o gênero em si inventa e reinventa como regras plásticas e próprias a cada instante e a cada momento – como disseram Córdoba, Sáez e Vidarte, (2007), também em citação neste texto, o cuir não é encaixável nos sistemas hegemônicos e, se um dia estiver encaixado... não será mais cuir, mas passará a ser hegemônico.

Talvez seja possível apenas jogar adaptando nestas arenas, que são legais, educacionais, administrativas, políticas e afins, e entender que, no final das contas, a potência rizomática (Deleuze; Guattari, 1995) não será nunca acolhida nos sistemas vigentes, e talvez, no limite da inventividade de gênero, nas dinâmicas metafóricas nas quais o gênero age, em nenhum outro tipo de sistema também que seja inventado, construído, compreendido, (re)criado.

Talvez não seja a melhor forma, a forma mais adequada, vir a quebrar algumas arquibancadas e todo um estádio. Algumas pessoas podem querer continuar jogando lá, nos regramentos próprios de seus jogos de linguagem, de metáforas e identidades. Não-binaridade e quaisquer pensamentos além-hegemônicos sobre gênero são sobre construir outras arenas, que comportem outros jogos, outros esportes, outras ideias, outras palavras. É sobre jogar outros jogos de linguagem em outros estádios que não os que estão construídos.

## REFERÊNCIAS

“ACORDO DE MERCADO” envolveu obra do Mané Garrincha, em Brasília, diz delator | Distrito Federal. G1. 14 abr. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/acordo-de-mercado-envolveu-obra-do-mane-garrincha-em-brasilia-diz-delator.ghhtml>. Acesso em: 17 maio. 2024.

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Polém, 2019.

ARAÚJO, E. B. de. *As metáforas zoomórficas na Revista Capricho*. 2004. 124 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2004. Disponível em: <http://repositorio.ufsm.br/handle/1/9878>. Acesso em: 10 maio 2024.

ARCO elétrico – Alta tensão. [S. l, s. n.] 1 vídeo (12 seg.) Publicado no canal 2M Gestão & Treinamento. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=61-5rYqoLD8>. Acesso em: 3 mar. 2024.

AZEVEDO, F. F. DOS S. *Dicionário analógico da língua portuguesa: ideias afins/ thesaurus*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

BAGAGLI, B. P. *Os erros e distorções de Richard Miskolci: uma carta aberta*. Medium. 18 out. 2021. Disponível em: <https://biapagliarinibagagli.medium.com/os-erros-e-distorções-de-richard-miskolci-uma-carta-aberta-7b043ba9be54>. Acesso em: 16 maio. 2024.

BAGNO, M. *A norma oculta*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAGNO, M. *Linguística da norma*. São Paulo: Loyola, 2002.

BAGNO, M. *Norma linguística*. São Paulo: Loyola, 2001.

BARRETO, M. M. *Avanços, equívocos e retrocessos nas lutas identitárias*. Extra Classe, 15 out. 2021. Disponível em: <https://www.extraclasse.org.br/geral/2021/10/avancos-equivocos-e-retrocessos-nas-lutas->. Acesso em: 16 maio. 2024.

BECHARA, E.; BOSI, A.; PORTELLA, E. Nota explicativa da comissão de lexicografia e lexicologia da ABL sobre os procedimentos metodológicos seguidos na elaboração da 5ª edição do VOLP em consonância com o que dispõe o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, 2008. Disponível em: [https://www.academia.org.br/abl/media/Nota Explicativa 09 03 2008.pdf](https://www.academia.org.br/abl/media/Nota%20Explicativa%2009%2003%202008.pdf). Acesso em: 17 maio. 2024.

BUSTAMANTE, N. *What is Gestalt Psychology: Theory & Principles*. Simply Psychology 7 set. 2023. Disponível em: <https://www.simplypsychology.org/what-is-gestalt-psychology.html#What-Does-Gestalt-Mean>. Acesso em: 2 maio. 2024.

CAMUS, A. *O Estrangeiro*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2011.

CARROLL, D. *Albert Camus, the Algerian : colonialism, terrorism, justice*. New York: Columbia University Press, 2007.

COLLINS, P. H.; BILGE, S. *Interseccionalidade*. São Paulo: Boitempo, 2020.

CÓRDOBA, D.; SÁEZ, J.; VIDARTE, P. *Teoría Queer*: Políticas Bolleras, Maricas, Trans, Mestizas. 2. ed. Madrid: Editora Egales, 2007.

COSTA, R. A. R. A.; GUERRA, M. das G. G. V. Pânico Moral e ofensiva conservadora: o ataque à linguagem disruptiva de gênero. *Revista Educare (Online)*, [S. l.], v. 8, n. Edição de contínuo fluxo, 2023, p. 1 - 23. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/educare/article/view/67560>.

DEABREU, M. A teoria da metáfora conceptual em ação. *Revista Escrita*, n. 13, 2011. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/18670/18670.PDF>.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia*. vol. 1. 34. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DIAS, E. N. B.; REINALDO, G. F. Quebrando a costela epistemológica de Adão: uma revisão bibliográfica queer de estudos sobre as obras audiovisuais e a performance de Linn da Quebrada. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DESFAZENDO GÊNERO, IV. *Anais [...]*. Fortaleza, 2018.

DOWBOR, F. F. *Quem educa marca o corpo do outro*. São Paulo: Cortez, 2008.

DUARTE, C. L.; CÔRTEZ, C.; PEREIRA, M. DO R. A. *Escrivências*: Identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo. Belo Horizonte: Idea Editora, 2016.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. 1. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia*: saberes necessários à prática educativa. 39. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

GOVERNO Federal terá de adequar formulários do CPF para incluir diversos gêneros. Extra. 30 jan. 2024. Disponível em: <https://extra.globo.com/economia/noticia/2024/01/governo-federal-tera-de-adequar-formularios-do-cpf-para-incluir-diversos-generos.ghtml>. Acesso em: 16 maio. 2024.

HOOKE, B. *Ensinando a transgredir*: a educação como prática de liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

ISTHA, K. *Gender Anarchy Manifesto*. STRIKE! Magazine, 2015. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20200419023002/https://www.strike.coop/>. Acesso em: 14 maio. 2024.

KÖVECSES, Z. *Metaphor*: a practical introduction. 2. ed. Nova York: Oxford University Press, 2010.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2002.

LEBRETON, D. *Sociologia do Corpo*. 2. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2007.

LOPES, G. P. *Modelagem Estatística do Efeito Disruptivo para Isoladores de Média Tensão*. 2016. 221 f. Tese (Doutorado em Engenharia Elétrica) – Universidade Federal de Itajubá, Itajubá, 2016.

MELO, I. F. DE. *Todes*: O que pode a linguagem não-binária? Brasil de Fato, 27 maio. 2021. Disponível em: <https://www.brasildefatope.com.br/2021/05/27/artigo-todes-o-que-pode-a-linguagem-nao-binaria>. Acesso em: 16 maio. 2024.

MOURATO, S. *Desafios na língua em debates sobre identidade de gênero*. Ciberdúvidas da língua portuguesa, 12 jan. 2024 Disponível

em: <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/artigos/rubricas/idioma/desafios-na-lingua-em-debates-sobre-identidade-de-genero/5397#>. Acesso em: 14 maio. 2024.

NIETZSCHE, F. W. *Assim falou Zaratustra*: Um livro para todos e para ninguém. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989.

PRESOTTO, L. A metáfora: discussão e análise à luz da linguística cognitiva e da pragmática. In: COLÓQUIO DE LINGÜÍSTICA, LITERATURA E ESCRITA CRIATIVA, IX. *Anais [...]* Porto Alegre, out. 2016.

QUEBRADA, L. da. *Linn da Quebrada*. 2018 Disponível em: <https://www.linndaquebrada.com/release>. Acesso em: 3 fev. 2025.

REDDIT. *oque voces acham do xenogenero?*: r/transbr. 2024. Disponível em: [https://www.reddit.com/r/transbr/comments/18zjo10/oque\\_voces\\_acham\\_do\\_xenogenero/](https://www.reddit.com/r/transbr/comments/18zjo10/oque_voces_acham_do_xenogenero/). Acesso em: 6 maio. 2024.

REIS, T.; EGGERT, E. Ideologia de gênero: uma falácia construída sobre os planos de educação brasileiros. *Educação & Sociedade*, v. 38, n. 138, p. 9–26, 2017.

RODRIGUES, E. H. S. *A Deus o que é de César*: a Câmara Federal e o casamento igualitário, uma análise lingüística. 2016. 253 f., il. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

RODRIGUES, E. H. S. *Uma recontextualização de discursos sobre dissidências de gênero e sexualidade*: algumas possibilidades de se fazer transformação da/na escola. 2021. 219 f., il. Tese (Doutorado em Linguística) — Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

RODRIGUES, E. H. S.; MELO, I. F. DE. Por uma pedagogia que liberte todas as cores: o projeto mulheres inspiradoras e seu potencial para o enfoque em dissidências de gênero e sexuais. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, v. 19, n. 3, p. 164–184. 2018. Disponível: <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/17722>. Acesso em: 17 maio. 2024.

SALIH, S. *Judith Butler e a Teoria Queer*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

SALLORENZO, Letícia. *Gramática e manipulação*: análise cognitivo-funcional de manchetes de jornais durante o segundo turno das eleições presidenciais de 2014. 2018. 149 f., il. Dissertação (Mestrado em Linguística)—Universidade de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/34504>. Acesso em: 17 maio. 2024.

SANTOS, R. Y. W. e a teoria dos protótipos sob a ótica da linguística sociocognitiva. *Revista Linguagem*, v. 14, n. 1, p. 1-18, 2010. SOUZA FILHO, R. E. DE. *Caracterização e análise dos efeitos associados à falha de isolamento em cabos cobertos de redes de distribuição compactas frente a surtos atmosféricos*. 2018. 115 f. Tese (doutorado) - Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/BUOS-B8UENH>. Acesso em: 17 maio. 2024.

STF.. *Lei municipal que proíbe ensino sobre questões de gênero é inconstitucional*. 29 abr. 2020 Disponível em: <http://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=442331&ori=1>. Acesso em: 20 jul. 2020.

TENUTA DE AZEVEDO, A. M.; LEPESQUEUR, M. Aspectos da afiliação epistemológica da Linguística Cognitiva à Psicologia da Gestalt: percepção e linguagem. *Ciências & Cognição*, v. 16, n. 2, p. 65–81, 2011.

VANDRESEN, D. S. *O discurso na arqueologia e genealogia de Michel Foucault*, 2010. Disponível em: [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos\\_teses/FILOSOFIA/Artigos/Daniel\\_Salesio\\_Vandresen.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/FILOSOFIA/Artigos/Daniel_Salesio_Vandresen.pdf) Acesso em: 2 fev. 2025.

VIAPIANA, T. *Lei que proíbe banheiros unissex é inconstitucional, diz TJ-SP*. Consultório Jurídico, 15 maio. 2023. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2023-mai-15/lei-proibe-banheiros-unissex-inconstitucional-tj-sp/>. Acesso em: 16 maio. 2024.

WIKIDIVERSIDADES. *Xenôgênero* | *Wiki Diversidades* | *Fandom*. 2024. Disponível em: <https://diversidades.fandom.com/pt-br/wiki/Xenôgênero>. Acesso em: 6 maio. 2024.

WITTGENSTEIN, L. *The Blue and Brown Books: Preliminary Studies for the Philosophical Investigation*. 2. ed. New York: Harper Perennial, 1960.

YAMAGUTI, B. *Justiça condena ex-presidentes da Terracap e Novacap por fraudes na construção do Estádio Mané Garrincha, no DF*. G1, Distrito Federal, 7 nov. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2023/11/07/justica-condena-ex-presidentes-da-terracap-e-novacap-por-fraudes-na-construcao-do-estadio-mane-garrincha-no-df.ghml>. Acesso em: 17 maio. 2024.



Recebido em 29/08/2024. Aceito em 04/09/2024